

Está chegando o melhor da Bolívia

Respeitados por inúmeros técnicos e conhecedores da bovinocultura de corte a partir de zebrúinos, produtos da seleção boliviana deverão estar à disposição do mercado brasileiro tão logo surjam os devidos acordos sanitários, que agora contam com novo status sanitário do país de livre de febre aftosa com vacinação

Por Ivaris Júnior



Novo presidente da Associação de Criadores de Zebu da Bolívia (Asocebu), empossado em julho de 2014, Erwin Rek López é engenheiro agrônomo e um dos importantes personagens do seu país na conquista do status de livre de aftosa com vacinação. Filho e neto de pecuaristas, homens que viveram de gado e vieram buscar o zebu no Brasil, além de descendente de alemães por parte de pai e de espanhóis e guaranis por parte de mãe, “Chino”, como é conhecido, é um grande apaixonado pelo Zebu, em especial o Nelore, além de militante árduo nas questões do seu negócio. Foi presidente e vice da Federação de Pecuaristas de Santa Cruz (Fegasacruz), presidente da Câmara Agropecuária do Oriente, presidente da FexpoCruz, fundador e presidente da Congabol e da Confederação Agropecuária Nacional. Na sua opinião estão dadas as condições para seu país mostrar o grande trabalho de seleção bovina realizado e iniciar uma nova fase: a de fornecedores de genética de qualidade.

Revista Nelore – O que o novo status da pecuária boliviana abre de perspectivas à seleção do zebu do país?

Erwin Rek López – Eu creio que alcançamos um momento muito esperado. A barreira sanitária imposta pela incidência de febre aftosa em nosso país acabou se transformando em uma grande barreira econômica, que precisava ser superada para que nossos produtos pecuários pudessem ganhar o mercado internacional. Então, é esta a principal perspectiva, agora merecedora de todos os esforços do conjunto de pecuaristas. Em nosso entendimento, o zebu boliviano é de grande qualidade e produção, portanto, animais tipo exportação, capazes de brilhar no exterior.

Revista Nelore – Esta perspectiva para a genética boliviana também pode ser estendida para o produto carne?

Erwin Rek López – O trabalho da Asocebu está basicamente concentrado na difusão de genética. Está é a missão fundamental da entidade. Porém, complementarmente, avallamos que também o destino final, a produção de carne, será incrementado, pois nosso trabalho procura conscientizar que somente os animais puros é que têm a capacidade de aumentar a produtividade no campo. Sem genética melhoradora não há ganhos de desempenho nem de caixa. Em resumo, mais genética de qualidade acessível, maior o volume de carne produzido, maiores os excedentes da produção pecuária para serem exportados, gerando crescimento econômico e divisas para o povo boliviano.

Revista Nelore – Como foi o processo para se alcançar o status de país livre de aftosa com vacinação?

Erwin Rek López – Tudo começa em 1993 quando os pecuaris-

tas da Bolívia começaram a se conscientizar de que estavam fora de uma luta internacional para erradicar a febre aftosa do continente americano. Passamos a ter uma visão clara de que se fôssemos fora deste espectro seríamos seriamente castigados. Então, organizamo-nos em uma confederação nacional de pecuaristas, a Congabol (Confederación de Ganaderos de Bolívia). Imediatamente passamos a ser reconhecidos como um país que iniciava um trabalho para por fim na aftosa.

Revista Nelore – A Congabol foi a primeira entidade de classe dos pecuaristas bolivianos?

Erwin Rek López – Não! Havia a Federación de Ganaderos de Santa Cruz de La Sierra (Fegasacruz). Porém, precisávamos de uma entidade de representação nacional para que tivéssemos acesso às discussões internacionais. Dessa forma nasceu a Congabol reunindo todos os departamentos (estados) do país. Por meio dela é que conseguimos abrir portas. Primeiro fomos ao Centro Pan-Americano de Febre Aftosa (Panftosa), no Rio de Janeiro (RJ), onde encontramos forte apoio de seu então presidente Vicente Mateo Astudillo Caldes e de brasileiros como Albino José Belotto, hoje membro da Organização Pan-Americana de Saúde (OPS), com sede em Washington (EUA). Por meio da Congabol ainda fomos aceitos na Comissão Sul-Americana da Luta contra a Febre Aftosa (Cosalfá), onde passamos a participar de rodadas e reuniões anuais. Em seguida iniciamos um plano nacional de erradicação da doença, o que nos expôs a constantes fiscalizações pelas entidades e órgãos competentes, já citados. Após longo período de esforços, chegamos aos dias de hoje.

Revista Nelore – Quando o governo boliviano começou a engrossar este movimento?

Erwin Rek López – Creio que o interesse governamental surgiu por volta do ano 2000, quando efetivamente passamos a ter um plano de erradicação da febre aftosa. Por ocasião, o governo entrou com muita força, com tudo que foi necessário, principalmente no que diz respeito aos controles de vacinações; mas, até então, a iniciativa foi privada.

Revista Nelore – Quais foram as ações efetivas do Brasil em apoio a esta luta?

Erwin Rek López – O Brasil ajudou muito neste processo. Aliás, temos de reconhecer o que ele fez por toda a pecuária boliviana. Nós não só recebemos muito como aprendemos muito também. De melhoramento genético, por trazermos as raças zebuínas que o Brasil seleciona e difunde com extremo sucesso, ao manejo, uma vez que também importamos tecnologias para melhorar nossa produtividade. Nós tivemos todo o apoio de dirigentes e autoridades brasileiras no que diz respeito à erradicação da febre aftosa, inclusive com recursos por meio de doações, por exemplo, de vacinas, fato que fortaleceu muito meu país no combate à doença. Foram muita sorte e conveniência para as duas nações, já que o Brasil precisa consolidar seu papel de maior produtor mundial de carne com qualidade e segurança alimentar, e a Bolívia se desenvolver e tornar-se um dos protagonistas neste cenário. Trata-se de interesses comuns postos na mesa e trabalhados.

“Nós tivemos todo o apoio de dirigentes e autoridades brasileiras no que diz respeito à erradicação da febre aftosa, inclusive com recursos por meio de doações, por exemplo, de vacinas, fato que fortaleceu muito meu país no combate à doença”

Revista Nelore – E como enfim chegou o status de país livre de febre aftosa com vacinação?

Erwin Rek López – Alcançamos essa condição depois de cumpridas diversas etapas para que assim pudéssemos garanti-la. Etapas de observações, depois de fiscalizações e depois de comprovações. Foram passos que a Bolívia foi dando ao longo do tempo.

Revista Nelore – Então vamos falar sobre essa genética da qual seu país pleiteia papel de exportador. Quando, efetivamente, começa o trabalho de seleção do Nelore, por exemplo?

Erwin Rek López – As raças zebuínas começam a entrar na Bolívia nos anos 50. Até então prevalecia na bovinocultura de corte animais *bos taurus* crioulos, há muito tempo no país. Isso significa que as raças zebuínas, em um primeiro momento, entraram para cruzamento com o gado que tínhamos. Na medida em que foram nascendo os produtos e colhendo

os resultados, elas foram ganhando força até prevalecerem a exemplo do que acontece no Brasil. O Nelore, como o conhecemos, tem seu ingresso a partir dos anos 60, tornando-se majoritário na década de 70, quando houve uma entrada maciça desse animal. Foi um momento de muita abertura dos pecuaristas bolivianos. Paralelamente entraram de forma importante as raças Guzerá e, posteriormente, nos anos 90, a Brahman, principalmente no Beni (Norte da Bolívia), onde foi muito sucesso.

Revista Nelore – Quando surgiu a necessidade de uma entidade como a Asocebu?

Erwin Rek López – A Asocebu nasceu em 1975 em uma iniciativa pioneira de alguns pecuaristas, por se tratar de uma organização que girava em torno de criadores de raça pura, em destaque os papéis das famílias Tineo e Monasterio, já interessados em produzir genética melhoradora. De lá para cá forma inúmeras iniciativas, como a de transferir sua sede do Beni para Santa Cruz, em 1983. E também de seus técnicos para a implantação dos serviços cartoriais e estruturação de suas feiras oficiais. De modo que a Asocebu é hoje uma das entidades de classe mais ativas e respeitadas da Bolívia. Vale destacar que um dos pontos fortes de sua atuação, desde os primeiros anos, tem sido a abertura de relacionamentos com suas demais entidades irmãs no continente americano, notadamente com a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), fator decisivo na evolução genética alcançada pelo rebanho boliviano. Outra marca dos nossos associados é o perfil de seriedade e profissionalismo que prevalece nas ações e filosofia da entidade, o que colaborou muito no seu fortalecimento e legitimidade.

Revista Nelore – Qual a representatividade do Nelore dentro da Asocebu?

Erwin Rek López – Acredito que dos quase 200 sócios, a grande parte seja de neloristas, criadores de Padrão e de Mocho. Eles também reúnem o maior volume de bovinos registrados – em 2013, a Asocebu registrou mais de 15 mil animais. Vale lembrar que muitos selecionadores trabalham com mais de uma raça.

Revista Nelore – Como podemos desenhar o cenário para o Nelore com chifres e Mocho na Bolívia?

Erwin Rek López – Diferente do Brasil, onde o Nelore aspadado é predominante, na Bolívia há certo equilíbrio entre as duas variedades. Com muita frequência se criam as duas. E este equilíbrio se constata não só nas pistas de exposições como

também no uso de suas genéticas nos rebanhos produtores de carne. Prova disso, muito importante por sinal, é a demanda por touros para reprodução a campo, praticamente igual para mochos e com chifres. Há grande interesse por ambas as variedades.

Revista Nelore – Basicamente, qual a genética que o Nelore boliviano traz?

Erwin Rek López – Mais importante do que desfilhar nome de animais e suas famílias é esclarecer o grande comprometimento dos neloristas em realmente evoluir, selecionando para a manutenção da rusticidade, habilidade materna e perfil frigorífico, obviamente preservando as características raciais. Tem sido assim desde sempre, paulatinamente e com muita racionalidade. Com esta tônica, os pecuaristas bolivianos avaliaram resultados, primeiramente com cruzamentos, inseminação artificial e, por fim, produtos de raça pura. Certos de suas escolhas, com determinação buscaram o que tinha de melhor na raça no continente sul-americano, sobremaneira no Brasil, sua principal fonte. Certo é dizer, portanto, que temos produtos tão bons quanto os melhores. Temos touros campeões de Uberaba (MG) e destaques de sumários de touros trabalhando no mesmo nível dos melhores. Isto é motivo de muito orgulho, fortalecimento e enobrecimento, que justifica nossa crença de interesse internacional pelo nosso produto genético. Trata-se de genética de neloristas tradicionais como os Monasterio e os Saavedra, que transcenderam nossas fronteiras e já realizaram no exterior.

Erwin Rek López – A genética trabalhada na Bolívia tem uma valorização paulatina registrada ao longo do tempo. Demos nossos passos na medida de nossas pernas. Conforme nossas necessidades foram surgindo fomos nos mexendo. Assim, fomos buscar exemplares de grifes como Brumado, VR, Lemgruber, J. Galera e sempre touros das principais centrais brasileiras para acasalamentos; além dos melhores reprodutores que meu país já produziu, aptos para serem destaques em qualquer central de IA brasileira. É o fenômeno da retroalimentação genética, algo que vimos no Brasil e várias raças, assim como nos principais países selecionadores de bovinos do mundo. Veja que o Brasil superou qualquer desempenho de uma raça zebuína comparativamente ao seu país de origem. Por isso, parte do processo se dá por retroalimentação. Não estamos, porém, alheios ao que surge de melhor, esteja ele onde estiver. Por isso, trabalhamos no momento em nos cercar ao máximo de critérios científicos, buscando evoluir, mas também preservar o que já conquistamos. Não podemos parar de evoluir.

Revista Nelore – Os pecuaristas bolivianos pensam em Diferenças Esperadas de Progenie (DEPs)?

Erwin Rek López – Sim. É uma coisa que sabemos será condição para estabelecer um protocolo sanitário com o Brasil



ou qualquer outra país. Não adianta oferecer bovinos livres de aftosa, leptospirose, tuberculose ou qualquer outra doença que vem limitar, será necessário oferecer produtos com comprovado valor genético. Em sendo assim, programas como os levados pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (Geneplus, pelo CNPGC – Embrapa Gado de Corte, Campo Grande/MS), Associação Nacional de Criadores e Pesquisadores (Nelore Brasil, pela ANCP – Ribeirão Preto/SP) e pela ABCZ (PMGZ – Uberaba/MG), serão de extrema importância para nossas aspirações. Há de existir um parâmetro comum para nortear o acesso a qualquer animal de interesse, esteja de um lado ou de outro, no intercâmbio. Os pecuaristas bolivianos estão preparados para isso. Neste momento, vários são os selecionadores cujos animais integram os programas citados; porém, já nos preparamos para apresentar nosso próprio programa, totalmente identificável para qualquer nelorista de outro país. É o parâmetro da reciprocidade, principalmente, em se tratando de países limítrofes.

Revista Nelore – A Federação Internacional de Criados de Zebu (Ficebu) pode ter um importante papel nessa harmonização?

Erwin Rek López – Como entidade maior, com certeza. Ela pode estabelecer as regras pensando no interesse coletivo e, acima de tudo, das raças que estão acima de qualquer coisa, inclusive de seus criadores. Trata-se de animais que nos servem e que devem ter sua preservação, mesmo a econômica, em condições igualitárias. Pessoalmente, como presidente da Asocebu, reforço meu compromisso com esses pensamentos e aproveito para registrar o entendimento coletivo da importância de trabalhos como o do Brasil para o sucesso que alcançamos até aqui. Quero um relacionamento estreito com toda a cadeia produtiva, lembrando que há muitos brasileiros produzindo na Bolívia, circunstância que é de extrema importância para nós, pois estiveram lado a lado em nossa luta, estabelecendo uma relação absolutamente fraterna.



Revista Nelore – O status sanitário é uma grande conquista, sem dúvida nenhuma; mas há um relacionamento para se estabelecer uma via de duas mãos. Há novidades neste sentido?

Erwin Rek López – É necessário estabelecer regulamentações que normatizem o relacionamento. Pensamos em traçá-las o mais rapidamente; porém há de se ponderar as dificuldades legais e burocráticas de todo o processo. Nosso temor é que justamente essa nova etapa seja muito maior que as nossas forças, tornando tudo muito lento e estéril. Vamos trabalhar, acima de tudo, em benefício da pecuária, antes de qualquer coisa.

Revista Nelore – Pelo lado boliviano já existem medidas sendo tomadas para acelerar o processo?

Erwin Rek López – Existem. Primeiro há uma mobilização da iniciativa privada de meu país para ser partícipe deste processo. Depois porque há iniciativa governamental, por intermédio de nossa ministra do Desenvolvimento Rural e Terra, Nemesia Achacollo, compromissada com o setor produtivo, de acelerar o máximo possível o corte necessário de aparas, de modo a frutificar o resultado final.

Revista Nelore – Por outro lado, no produto carne, a Bolívia registra exportações para Peru, Equador e Venezuela. Também existem medidas para fomentar este comércio internacional?

Erwin Rek López – É necessário dizer que essas vendas mencionadas por você ainda não são sustentáveis. Para

torná-las efetivas e sistemáticas, com seu devido peso em uma balança comercial, será necessário um incremento, por exemplo, na produtividade; mas não só nela. Temos uma expectativa de, como obtemos o atual status sanitário, mobilizarmos novos investimentos para ampliar a oferta do produto e, paralelamente, de sua qualidade. Há muitos fatores que conspiram a favor do desenvolvimento da pecuária e do agronegócio da Bolívia. Primeiro as condições naturais, com clima e solo bastante favoráveis. Em segundo, o momento de mobilização dos produtores, conscientes e capitalizados no sentido de aumentar a produtividade, além de detentores das raças zebuínas e do grande know how que o Brasil produziu e o tornou o maior produtor de carne bovina do mundo. Por fim, o ambiente sócio-econômico da Bolívia que remunera os fazendeiros de modo que possam se manter investidores do próprio negócio. No mais, apenas reivindicamos e lutamos por maior segurança política e jurídica ao longo do tempo para seguirmos produzindo, alimentando nosso povo e gerando riqueza. Também clamamos para que medidas protecionistas ou intervencionistas não impeçam o caminho natural de ascensão que vislumbramos.

Revista Nelore – A exemplo do que acontece na Argentina?

Erwin Rek López – Sem citar qualquer ação específica, mas é o que tememos pelos resultados. Queremos que prevaleça a inteligência do setor produtivo, cumprindo suas obrigações sociais e cívicas. Medidas que levem a alterações e distorções de preços podem resultar em grandes tragédias no desenvolvimento daquilo que já caminha bem. As políticas públicas para o setor devem respeitar as regras mantidas até aqui e manter estimulados os produtores, que vivem um momento de estabilidade no exercício de seus ofícios.

Revista Nelore – Isso passa por questões agrárias de seu país?

Erwin Rek López – Exatamente. Nós avaliamos que os problemas estão nos radicalismos, ortodoxos na formação de políticas que possam comprometer a produção agropecuária. Medidas que trabalhem para manter o equilíbrio é que são importantes. O pensador São Thomaz de Aquino dizia que “a sabedoria está no equilíbrio”. É nisso que acreditamos. Não podemos correr o risco de não alimentar nosso povo e de não sermos capazes de gerar riqueza. Estes são pilares de uma Bolívia plena e que conquistou verdadeira soberania nacional.